

# 4

## Educação e Cultura de Paz: o Percorso do Perdão

JOÃO VIEIRA BORGES

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to highlight the need and importance of education and a culture of peace in today's world, particularly in relation to threats to peace. It further examines initiatives developed by the Ministry of National Defense in the fields of education, military higher education, training, and peace operations carried out by the Portuguese Armed Forces. The paper also discusses the role of forgiveness within international law and interstate relations, where it is usually confined to the defeated, who are penalized and judged. It concludes with the words of António Guterres and Pope Francis as precursors of an important message that synthesizes what we understand as a Culture of Peace.

Keywords: culture, defense, education, forgiveness, peace, threats.

### 1. Falar de Paz

O fato de ser “Filho da Guerra” e de ter vivido intensamente a guerra civil em Angola, influenciou, seguramente, a minha relação com a Guerra e a Paz, de tal modo que, mesmo como comentador da Guerra<sup>1</sup> condicionado pela “espuma de cada dia”, me atrevo a refletir e a trazer a Paz para a agenda do debate. E o “atrevo” tem relação com o fato de muitas vezes ser criticado por falar de Paz, seja ela Justa ou Sustentada, porque esse posicionamento beneficia, direta ou indiretamente, esta ou aquela parte, esta ou aquela narrativa.

Sou um “sonhador ativo” na linha de caracterização do Professor Jorge Dias e nesse sentido acredito nas histórias de esperança, nos verdadeiros milagres que os homens de bem fazem acontecer ao longo

---

\* Comissão Portuguesa de História Militar.  
✉ [joao.borges@defesa.pt](mailto:joao.borges@defesa.pt)  
🆔 <https://orcid.org/0000-0002-8805-8607>

1. Agora das guerras na Ucrânia e em Gaza – em regime de serviço público.

da História.

Nesta linha de pensamento, os meus alunos de Estratégia ou de Relações Internacionais, militares e civis, são testemunhos de que uma das frases que mais uso é uma citação de Mahatma Ghandi: «Não existe um caminho para a Paz. A Paz é o caminho.»

Tenho consciência e acredito que a História não se repete. Mas tenho a certeza que a Guerra fez, faz e fará parte da História, que marcou, marca e marcará indelevelmente a História da Humanidade.

Por todas estas razões aceitei o desafio da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica para falar, discutir e depois escrever sobre a Educação e Cultura de Paz.

## 2. Das Ameaças e Garantes da Paz

Em pleno século XXI continuam a aumentar (em dimensão e perigosidade), as ameaças à Paz. Numa visão do mundo dito Ocidental em que nos inserimos, em especial através dos nossos aliados, da União Europeia e da NATO, as ameaças à Paz podem ser enquadradas a dois níveis:

- a) A “Competição Estratégica” e o confronto global entre Democracias e Atores Autoritários em que: a Rússia é entendida como a mais significativa ameaça à Segurança e à Paz, perturbadora nos flancos Leste e Sul da Europa; a China é vista como competidor estratégico e desafio aos interesses, segurança e valores do Ocidente; e o Irão e a Coreia do Norte são percecionados como criadores de instabilidade regional e global e apoiantes da construção de Uma Nova Era Russo-Chinesa em oposição à Hegemonia ou Unilateralismo dos EUA.
- b) E as “Ameaças Compartilhadas”, como a explosão demográfica, as alterações climáticas, a transição energética, a insegurança alimentar, as pandemias, a luta pelos recursos estratégicos, o terrorismo, a (des) informação, o ciberespaço, e as tecnologias emergentes e disruptivas, entre outras ameaças e riscos.

As diferentes guerras que grassam no Mundo, muito para além da Guerra na Ucrânia e na Palestina, enquadram-se no primeiro ou no segundo nível, prejudicando o combate pela Paz, pelo desenvolvimento, pela segurança alimentar e contra as alterações climáticas, afinal as principais prioridades para um futuro de Paz da Humanidade.

Nos Estados de direito democrático, as Forças Armadas continuam a ser a instituição que detém a exclusividade do uso da violência organizada e os seus militares são preparados para combaterem em prol da defesa do seu país e dos seus cidadãos, com o sacrifício da própria vida e sempre no sentido de prevenirem os cenários de conflitualidade, de garantirem a segurança, a Paz e o entendimento local, mas também regional e global.

Nesse sentido, estudam e refletem profundamente sobre a Paz, as crises e a Guerra e sabem que a Nação se consolida pelo equilíbrio adequado entre a memória, o realismo e o sonho. Uma memória construída com a pena e a espada, um realismo sustentado na análise das ameaças e riscos e um sonho de liberdade, de igualdade, de direitos humanos e do estado de direito democrático. Mas sabem também que para haver sonho tem de haver dissuasão, tem de haver Forças Armadas, enquanto última garantia de poder do Estado, pois a comunidade internacional dos interesses pouco tem de kantiana.

Como estrategista, faço as minhas análises com base na trilogia Meios-Objetivos-Ameaças. Penso sempre que a melhor estratégia é aquela que reforça as potencialidades e reduz as vulnerabilidades do Ator em estudo, para obter vantagem, seja o Homem, a Empresa, o Exército ou o Estado-Nação. E só existe estratégia quando há dialética de vontades (e daí o xadrez ser o símbolo da estratégia), como já escreviam Jomini e Clausewitz no século XIX. E ao nível do Estado, a melhor Estratégia é aquela que leva o Estado a obter uma Paz melhor em relação ao opositor, de preferência no âmbito da competição (e não do conflito). Também por isso, defendo a definição de Bento Espinosa (filósofo 1632-1677 – Livro *Ética*) de que: «A Paz não é [só] ausência de Guerra, é uma virtude, um estado mental, uma disposição para a benevolência, a confiança e a justiça.»

Infelizmente, só existem obras de referência sobre a Arte da Guerra e não sobre a Virtude da Paz; só falamos de Sun Tzu («o último recurso dos instrumentos da governação»), de Clausewitz<sup>2</sup>, de Jomini, de Maquiavel<sup>3</sup> e muito pouco de Immanuel Kant e da sua Paz Perpétua

2. A Guerra como a continuação da política por outros meios, como um ato de violência com que se pretende obrigar o oponente a obedecer à nossa vontade, para a obtenção de uma Paz melhor! A trindade da Guerra: ódio e animosidade (domínio do povo); jogo das probabilidades e do azar (domínio dos generais e dos exércitos); instrumento político (domínio dos governos).
3. Além da obra *O Príncipe* ditada pela visão de que a «Guerra é justa para aqueles para

para os Estados (1795 – «Nenhum Estado se deve imiscuir pela força na constituição e no governo de outro Estado»), de Santo Agostinho (354-430)<sup>4</sup>, seja nas suas *Confissões* (397-400 – «A Paz é a tranquilidade na ordem de todas as coisas»), seja no *Sermão em Louvor da Paz* (Sermão 357 – «Apesar das discórdias a Paz chegará...»)<sup>5</sup>, ou de Raymond Aron na sua *Paz e Guerra entre as Nações* («Podemos continuar a pensar, a sonhar ou ter esperança – à luz da ideia da Razão – numa sociedade humanizada»; «A Paz é sempre preferível à Guerra»). Com o título de *Arte da Paz* só conheço a obra de Morihei Ueshiba (mestre do Aikido) em que a Paz é entendida mais no sentido da Paz de espírito.

Mesmo na Igreja Católica Apostólica Romana, a palavra Paz só começou a dominar a palavra Guerra a partir do Concílio Vaticano II (de 1962 – João XXIII a 1965 – Paulo VI), altura em que se começou inclusivamente a desenvolver uma Doutrina da Paz, que levaria à criação do dia 1 de janeiro como Dia Mundial da Paz (criado pelo Papa Paulo VI, em 1967, mas alargado a todos os credos e etnias). E a escolha do dia 1 de janeiro foi entendida como o primeiro do resto dos dias, já com o pressuposto do perdão do passado.

Nos dias de hoje, seja na Guerra na Ucrânia ou na de Gaza (as mais mediáticas, pois continuam outras guerras no Mundo), os principais atores não querem falar de Paz até atingirem os seus objetivos,

quem é necessária» e que «as boas armas ditam as boas leis», a sua obra mais vendida era intitulada *A Arte da Guerra*, em que apelava aos príncipes contra os males e prejuízos dos exércitos mercenários.

4. Guerra Justa. Santo Agostinho afirmou que os cristãos deveriam ser pacifistas como postura pessoal e filosófica. Apesar disso, afirmou que passividade perante uma grave injustiça que só pudesse ser detida com violência seria um pecado. A autodefesa ou a defesa de outros pode ser uma necessidade, especialmente quando comandada por uma autoridade legítima. Apesar de não detalhar as condições necessárias para a Guerra, Agostinho cunhou o termo “Guerra Justa” na sua obra *Cidade de Deus*. Essencialmente, a busca pela Paz deve incluir a opção de lutar para preservá-la no longo prazo. Uma Guerra Justa não pode ser preemptiva; deve ser defensiva e objetivar a restauração da Paz. Para o conhecido teólogo e filósofo só haveria Paz, verdadeira justiça e verdadeiro bem, na Cidade de Deus, na vida futura. Defendeu a Paz, tanto na vida interna como na ordem internacional, na sua consequente visão de separação entre a Igreja e o Estado. Defendeu, ainda, um conjunto de regras de conduta que enquadravam as condições em que a Guerra era moralmente aceitável, a conhecida doutrina da Guerra Justa, que vinha da Roma antiga com as obras de Cícero.
5. Mais otimista seria S. Tomás de Aquino, que acreditava que o fim do Estado era o bem comum, numa visão de que o poder de Deus vinha diretamente para o povo, enquadrada numa verdadeira doutrina dos direitos do Homem.

não querem negociar e muito menos ceder.

Por isso, precisamos ainda mais de Educação e Cultura de Paz, adaptada a cada escalão etário, a cada tempo, espaço, instituição e cultura.

### 3. Educação e Cultura de Paz na Defesa em Portugal

Em Democracia aceitam-se as diferenças e o debate político nos espaços próprios e com liberdade. A pressão pública para a Paz é grande, seja na Europa, nos EUA ou na Austrália. Pelo contrário, nas autocracias quem fala, escreve ou se manifesta em prol da Paz é punido e preso, como na Federação Russa. Mas mesmo nas Democracias, a opção por um discurso de Paz, a meio de uma Guerra, associa injustamente o seu autor/comentador/analista a uma das narrativas em causa com as consequências em termos de punição pública.

Esta é mais uma razão por que se deve investir na Educação para a Paz. Em Portugal, e ao nível do Ministério da Defesa Nacional, temos contribuído para a Educação e Cultura de Paz, entre outras ações, do seguinte modo:

- a) Ao nível do Instituto da Defesa Nacional (IDN), com ações decorrentes da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, seja a nível curricular, organizativo ou comunitário, designadamente na dimensão transversal do *Referencial de Educação Para a Segurança, a Defesa e a Paz* (2014, com revisão de 2022) para promoção dos valores associados às matérias de segurança e defesa no sistema educativo nacional, seja na Educação Pré-Escolar, seja nos Ensinos Básico (os três ciclos) e Secundário. O IDN, em colaboração com a Direção-Geral de Educação e as Câmaras Municipais, tem trabalho persistente e determinado na promoção dos valores associados à Paz. A formação já foi frequentada por mais de 1500 professores<sup>6</sup> (25 horas a 30 professores – 18 *online* e 7 presenciais; e menos horas a grupos de 70-80 professores). No entanto, são as escolas que, na sua atividade pedagógica, trabalham os conteúdos educativos e promovem o debate e reflexão, seja no âmbito de disciplinas, seja de forma autónoma.

- 
6. Os professores são os melhores multiplicadores da mensagem e dos valores da Paz. Competências que devem ter: comunicação e empatia, conhecimento e visão multidisciplinar, motivação, capacidade de análise comparativa, diplomacia, respeito pela diferença e tolerância, flexibilidade e adaptabilidade, utilização de meios tecnológicos adaptados a cada geração.

- b) Ao nível da Comissão Portuguesa de História Militar, com o Concurso “História Militar e Juventude” junto dos jovens dos 9 aos 19 anos, em parceria com a Associação de Professores de História (com temas como “A Guerra Colonial na Minha Terra” e “O 25 de Abril na Minha Terra”, etc.), em que entendemos que a História Militar e a Guerra não podem ser tabu; que é importante que os jovens percebam os malefícios da Guerra e as lições da história (morte e destruição); que é preciso que os jovens falem da Guerra com os avós que nela estiveram, pois só assim olharão para as Forças e Serviços de Segurança e para as Forças Armadas como garantes da Paz interna e internacional (em especial através da dissuasão).

Entre as inúmeras atividades, ao nível dos diferentes órgãos da Defesa, que vão ao encontro da Educação e Cultura de Paz, destaco:

- c) A Educação, seja no Colégio Militar ou no Instituto dos Pupilos do Exército;
- d) O Ensino Superior Militar, seja no Instituto Universitário Militar, na Escola Naval, na Academia Militar, na Academia da Força Aérea, ou na Unidade Politécnica Militar; e o “Curso em Operações de Paz e Ação Humanitária”, numa cooperação entre o Exército e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (*Ius Gentium Conimbrigae* | Centro de Direitos Humanos);
- e) A formação e treino dos militares;
- f) E ao nível das próprias Operações de Paz.

Os programas da educação, do ensino, e da formação e treino incluem matérias relacionadas com a Paz, a começar na Carta das Nações Unidas e a acabar na Declaração Universal dos Direitos do Homem, passando pela reflexão mais teórica (no caso do ensino) dos fenómenos da Guerra e da Paz. As lições aprendidas são ciclicamente introduzidas nos programas e na ação dos militares, num desafio de e para o futuro.

#### 4. Do Perdão

Sobre o Perdão, associado ao direito internacional e às Relações entre Estados, deixo uma mensagem que retiro das lições da História, mesmo das mais recentes: só os derrotados é que são penalizados e julgados e normalmente só eles é que pedem o merecido e necessário

perdão (pressupõe memória, verdade e vontade de reconciliação).

Efetivamente, e com raras exceções, só os derrotados das guerras pedem perdão pelos crimes cometidos por si e pelas gerações que os antecederam. Os vencedores raramente são punidos pelos crimes de guerra cometidos. É o caso dos EUA relativamente ao Japão. Na visita do Presidente Obama a Hiroxima, em 27 de maio de 2016, este referiu que não iria fazer um pedido de desculpas pelo ataque nuclear, mas que iria honrar todos os mortos da Segunda Guerra Mundial (1939–1945). A pressão foi enorme no sentido de não pedir perdão pelas duas bombas nucleares lançadas sobre o Japão, tendo como argumento de que foi o mal menor e de que morreriam muitos mais militares e civis se não fosse tomada essa medida drástica. Na nossa perspetiva, só o perdão sara as feridas da Memória e dignifica a Humanidade!

Permitam-me terminar este texto fazendo referência a dois homens de Paz e de Perdão:

- a) António Guterres, Secretário-Geral da ONU, que defende “O Preâmbulo e o primeiro artigo da Carta das Nações Unidas que indicam as bases da construção jurídica internacional: a Paz, a solução pacífica das controvérsias e o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações.” Como ele referiu quando tomou posse no primeiro mandato, a Carta das Nações Unidas é a melhor Agenda para a Paz, mas infelizmente o Mundo do Poder pelo Poder domina as Relações Internacionais. No início do seu segundo mandato defendeu ainda que a Dignidade Humana deve ser «pressuposto de todas as negociações e decisões» e que a Diversidade (religiosa, política, social, étnica, etc.) constitui fator de união local, regional e global e necessariamente de Paz.
- b) O Papa Francisco, que referiu na sua mensagem de dia 1 de janeiro de 2024 (Dia Mundial da Paz) que «a possibilidade de efetuar operações militares através de sistemas de controle remoto levou a uma perceção menor da devastação por eles causada e da responsabilidade da sua utilização, contribuindo para uma abordagem ainda mais fria e destacada da imensa tragédia da Guerra». Mais referiu que «A facilidade de carregar um botão e mandar um meio militar autónomo atuar, a milhares e milhares de quilómetros de distância, gera um certo sentimento de banalização da violência. E daí, infere-se um risco de menor responsabilidade dos decisores políticos»<sup>7</sup>.

---

7. Efetivamente isto prova-se com as baixas referidas por Rutger Bregman em *Humanidade; Uma História de Esperança* (p. 251), quando dá como exemplo a causa de morte dos

Em pleno século XXI, esta banalização da violência e da morte é reforçada pela transmissão de imagens da Guerra e de discursos violentos em direto, com consequências nefastas para a cultura da Paz no Mundo.

Como diz frequentemente o Papa Francisco: «não há vitórias na Guerra, todos perdem»; «sem Paz somos todos derrotados».

Infelizmente, nos Estados autocráticos como a Rússia e o Irão, a mensagem que passa nos órgãos de comunicação social (controlados) e nas escolas não é tolerante, não respeita a dignidade humana e a diferença. Não havendo lugar à liberdade de pensamento, de opinião e de expressão é muito difícil trabalhar uma cultura de Paz.

Mas devemos continuar a lutar (em especial em tempo de Paz) para que esta mensagem do Papa Francisco passe ao nível da Educação em todos os países e em todos os credos! Na família, na escola, e no discurso político!

E devemos ter em atenção a tese de Rutger Bregman, que na sua obra *Humanidade: Uma História de Esperança*, defende que, no fundo, a maioria das pessoas é muito digna e humana.

Com a consciência de que nunca teremos um Mundo perfeito e de Paz, mas com esperança de que a Guerra pode ser sempre reduzida e atenuada, cito e adapto as palavras finais da obra de Stiven Pinker *O Iluminismo Agora* (o livro favorito de Bill Gates):

É importante que cultivemos, através da Educação, uma Cultura «em que a Paz é melhor do que a guerra, a Vida é melhor do que a morte, a Saúde é melhor do que a doença, a Prosperidade é melhor do que a necessidade, a Liberdade é melhor do que a coação, a Felicidade é melhor do que o sofrimento, e o Conhecimento é melhor do que a superstição e a ignorância».

## Referências

- Amaral, Diogo Freitas do. *História do Pensamento Político Ocidental*. Coimbra: Almedina, 2012.  
Aron, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.  
Bregman, Rutger. *Humanidade: Uma História de Esperança*. Lisboa: Bertrand Editora, 2021.  
Borges, João Vieira. "Entendimento Global e Paz". *Revista Militar*, 2581/2582 (2017): 207-218.  
Rodrigues, Teresa Ferreira and João Vieira Borges (coordenadores e coautores). *Ameaças e Riscos Transnacionais na*

---

soldados britânicos na Segunda Guerra Mundial: Outra – 1 %; Química – 2 %; Explosão, esmagamento – 2 %; Mina terrestre e bomba armadilhada – 10 %; Bala, mina antitanque – 10 %; Morteiro, granada, bomba aérea, obus – 75 %.

- Nova Era*. Porto: Fronteira do Caos, 2022.
- Boutros-Ghali, Boutros. *Agenda para a Paz*, ONU, 1992.
- Carta das Nações Unidas. *Diário da República I Série A*, n.º 117/91, mediante o aviso n.º 66/91, de 22 de maio de 1991.
- Clausewitz, Carl Von. *Da Guerra*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.
- Kant, Immanuel. *A Paz Perpétua*, L&PM Pocket, 2008.
- Maquiavel, Nicolau. *O Príncipe*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.
- Maquiavel, Nicolau. *A Arte da Guerra*. Lisboa: Edições Silabo, 2006.
- Moreira, Adriano. *Futuro com memória: lições da vida e da História*. Lisboa: Clube do Autor, 2016.
- Pinker, Steven. *O Iluminismo Agora*. Lisboa: Editorial Presença, 2018.
- Tzu, Sun. *A Arte da Guerra*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- Teixeira, Nuno Severiano, João Marques de Almeida and Carlos Gaspar (Coord.). *Raymond Aron: A Paz e a Guerra no Século XXI*. Lisboa: Edições Cosmos e IDN, 2007.
- Telo, António José, João Vieira Borges and Nuno Lemos Pires. *Dar Uma Razão à Força e uma Força à Razão*. Alcochete: Nexo, 2018.

